

SENSIBILIDADES DE GÊNERO: NARRATIVAS SOBRE A MORTE E OS MORTOS¹

Joaquim dos Santos, Rafael Gonçalves de Araújo, Antônio Carlos Dias de Oliveira, Teófilo Silva Primo Correia, Zuleide Fernandes de Queiroz

Universidade Regional do Cariri (URCA). E-mail: c.joquimsantos@yahoo.com.br. Universidade Regional do Cariri (URCA). E-mail: boanoiterafa@gmail.com. Universidade Regional do Cariri (URCA). E-mail: carlosdyasoliver@gmail.com Universidade Regional do Cariri (URCA). E-mail: teofilocorreia44@gmail.com. Universidade Regional do Cariri (URCA). E-mail: zuleidefqueiroz@gmail.com

Resumo: Este trabalho apresenta reflexões relacionadas as narrativas orais sobre a presença dos mortos no mundo terreno, bem como seus trânsitos no além cristão, e suas conexões com questões de gênero na região do Cariri, sul do estado do Ceará. O estudo problematiza sensibilidades de gênero na contemporaneidade. Desse modo, ele tem como objetivos: analisar as masculinidades e feminilidades presentes nas memórias sobre a morte e os mortos; compreender as mudanças e continuidades relacionadas às crenças sobre o além-mundo; deslindar as relações entre gênero, idade e classe social nas narrativas sobre os mortos; perscrutar as sensibilidades de homens e mulheres nas memórias sobre seus familiares mortos e seus destinos no além cristão. Dialogando com os conceitos memória e sensibilidade, a pesquisa faz uso da história oral, tomando-a como a arte da escuta e das relações. Assim, ela analisa entrevistas orais produzidas com idosos católicos, integrantes e ex-integrantes de irmandades religiosas leigas, residentes nos espaços urbanos e rurais da região do Cariri. Além disso, ela analisa fontes escritas, tomando-as como documentos complementares. Como primeiros resultados, o estudo historiciza papéis sociais de gênero, moralidades e referências às masculinidades e feminilidades.

Palavras-chave: Narrativas, História Oral, Relações de Gênero, Sensibilidades, Mortos.

Introdução

Ou caminhos teóricos de uma construção

Olhando-se num espelho, os homens descobrem a morte. (...) É talvez, isso que torna a história da morte tão fascinante. Trata-se, para o historiador, de voltar aos dados do problema, de surpreender do outro lado essa troca de olhares. Partindo da morte e das atitudes coletivas que a acolhem, a história quer reencontrar os homens e surpreendê-los na região diante de uma travessia que não permite trapaça (VOVELLE, 1996, p. 12).

¹ Essa pesquisa conta com o apoio do Programa de Bolsas de Iniciação Científica do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (PIBIC/CNPq), junto à Universidade Regional do Cariri (URCA). O Projeto intitulado “Presença (In)Dizível: Sensibilidades de gênero nas narrativas sobre os mortos na região do Cariri/CE” de autoria e coordenação do Prof. Dr. Joaquim dos Santos, conta com a participação do bolsista Teófilo Primo, estudante do Curso de História da URCA. Aproveitamos o ensejo para agradecer aos colaboradores da pesquisa, coautores deste trabalho.

Esse escrito do historiador Michel Vovelle chama a atenção para a compreensão da “travessia que não permite trapaça”, a partir das atitudes coletivas perante a morte. Ele indica como a história da morte foi desencadeada tomando como referência os modos pelos quais os vivos percebem e vivenciam o problema da finitude humana. Desse modo, a morte transcende do fenômeno biológico para o sentimento da morte, e insere-se como uma experiência social e cultural. Assim, tornou-se um evento historicizável. Nessa construção, o seu nascimento remota ao estreitamento dos diálogos dos historiadores com outras áreas do conhecimento, como a antropologia, a psicologia e a sociologia. Isso ocorreu na segunda metade do século XX (MARCÍLIO, 1983, p. 61).

Para Otto Oexle (1996, p.27), a partir dos anos 1970, a historiografia europeia, especialmente francesa, deu destaque “as atitudes e os comportamentos dos homens diante da morte, bem como sobre as mudanças que eles sofreram no decorrer dos séculos até o presente”. Nessa urdidura, o historiador Philippe Ariès (2014, 2003) foi o precursor. Seus trabalhos ganharam destaque na historiografia Ocidental por abordar o percurso das atitudes perante a morte e, assim, as transformações ocorridas ao longo dos séculos, tomando como referência o *tempo de longa duração*. Para ele (e outros historiadores que lidam com a temática da morte), as crenças e os comportamentos dos vivos perante o momento da morte inserem-se no *inconsciente coletivo*, perdurando por longos períodos de imobilidade e/ou de lentas transformações.

Rememorando os escritos de Maria Luíza Marcílio (1983, p.61): “as pesquisas desbravadoras de Phillippe Ariès e Michel Vovelle mostraram a beleza, a complexidade e também a viabilidade da história das atitudes diante da vida, da infância, do casal, da família e da morte, no ocidente cristão”. A partir de então, uma série de estudos isolados foram publicados pelos historiadores, além de Ariès e Vovelle, que obtiveram destaque como Pierre Chaunu, François Lebrun e Robert Favre. De acordo com Otto Oxle (1996), a produção historiográfica sobre o tema da morte, produzida na segunda metade do século XX, foi voltada para a história da cultura. Como desdobramentos destes estudos, e apresentando novas questões, Schmitt (1999) e Vovelle (2010, 1997) fundaram a história dos mortos.

Foi, no início dos anos de 1990, que o historiador João José Reis (1991) inaugurou a história da morte no Brasil. Ao publicar *A morte é uma festa*, Reis abriu caminhos para que outros historiadores se lançassem nas trilhas da morte como objeto da história brasileira. Dessa publicação até os nossos dias, outras abordagens e problemáticas foram lançadas à morte na sociedade e à história da morte, terreno esse que vem fertilizando muitas pesquisas apresentadas em programas de Pós-

Graduações e Graduações em História e áreas afins, como as Ciências Sociais, a Antropologia, a Filosofia, as Ciências da Religião, a Comunicação, as Artes, a Arquitetura e a Psicologia.²

Entretanto, há uma ausência a ser superada. Os estudos recentes vem pluralizando as interpretações sobre o lugar da morte e dos mortos na sociedade. Mas pouco sabemos sobre as relações entre a história dos mortos e as questões de gênero. Essa ausência foi percebida a partir da conclusão da pesquisa de doutoramento em História social da autoria de Santos (2017), bem como das instigantes colocações postas na tese de doutorado em Antropologia escrita por Conceição (2011).

Nesse sentido, esta pesquisa problematiza as sensibilidades de gênero(s) mediante a análise das narrativas orais sobre aparições dos mortos no mundo dos vivos, na região do Cariri cearense do século XXI. Como objetivos específicos, ela almeja:

- ❖ Entender como os papéis sociais de gênero foram inseridos no imaginário cristão tocantes às aparições dos mortos;
- ❖ Analisar as masculinidades e feminilidades presentes nas memórias sobre a morte e os mortos no Cariri contemporâneo;
- ❖ Compreender as mudanças e continuidades relacionadas às crenças sobre além-mundo e os papéis de gênero;
- ❖ Deslindar as relações entre gênero, idade e classe social nas narrativas sobre os mortos;
- ❖ Perscrutar as sensibilidades de homens e mulheres nas memórias sobre seus familiares mortos e seus destinos no além cristão (SANTOS, 2017, p.5).

Para isso, tomamos a *sensibilidade* como uma categoria conceitual da Nova História Cultural. De acordo com Sandra J. Pesavento (2007), ela é compreendida como um modo de

² É importante considerar a fundação da *Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais (ABEC)* que possui um estreito laço com a Associação Ibero-americana de Estudos sobre a Morte. A ABEC, juntamente com os grupos de pesquisa existentes em universidades brasileiras, a exemplo do grupo *Imagens da Morte (UNIRIO)*, vem promovendo eventos, estimulando a produção e divulgação dos estudos sobre a morte no Brasil. Ver: <http://abecbrasil.blogspot.com.br/>. Acesso em: 17/08/2014. Além disso, é válido ressaltar que a história da morte encontra-se intimamente associada aos estudos dos espaços cemiteriais e das artes tumulares. Nesse direcionamento, a compreensão da arte tumular como fonte e objeto de pesquisa tem atraído à atenção dos historiadores da morte. Nesses casos, quando tomados como fontes para a pesquisa histórica, os túmulos e as artes tumulares possibilitam problematizar as atitudes e as representações sobre a morte, o morrer e os espaços do além, as projeções e tensões sociais que recobrem as vontades, os interesses e as manipulações operadas por diferentes sujeitos e grupos sociais perante os espaços para os enterramentos, além da dimensão religiosa de uma determinada sociedade, em temporalidades circunscritas. Quando tomadas como objetos de pesquisa, além da agregação às questões apresentadas, são problematizadas os modos de fazer, as técnicas e representações da arte cemiterial, entrecruzando o alcance da história e sua proximidade com a área das artes. Ver Vovelle (1997). Sobre experiências brasileiras, ver Borges, Santos e Gomes (2010).

apreensão e conhecimento do mundo para além das fronteiras do saber científico e racional. Ela tem lugar nas sensações do corpo humano, despertadas como uma reação face ao vivido. Assim, como forma de ser e estar no mundo, a sensibilidade pode ser compreendida a partir das sensações e emoções, na reação dos sentidos afetados por fenômenos físicos e/ou psíquicos. Também, corresponde aos modos pelos quais as sensações são interpretadas, organizadas e traduzidas mentalmente. São processos singulares pelos quais as sensações se transformam em sentimentos.

Se por um lado, a sensibilidade é um sentir individual de cada um, portanto, marcada pela subjetividade, por outro, também é compartilhada, uma vez que “os homens aprendem a sentir e a pensar, ou seja, a traduzir o mundo em razões e sentimentos através da sua inserção no mundo social, na sua relação com o outro” (PESAVENTO, 2007, p.14). Isto é, as sensibilidades também são construções sociais e, portanto, cabíveis de serem problematizadas na tarefa hermenêutica dos historiadores.

Em consonância com os sentidos apresentados por Sandra J. Pesavento (2007, p.10), as sensibilidades são tratadas, neste estudo, “como operações imaginárias de sentido e de representação do mundo, que conseguem tornar presente uma ausência e produzir, pela força do pensamento, uma experiência sensível do acontecido”. Nesse sentido, a capacidade mobilizadora das sensibilidades é projetada no campo da ação, da tomada de iniciativa, bem como no campo da estética, quando esta se refere “àquilo que provoca emoção, que perturba, que mexe e altera os padrões estabelecidos e as formas de sentir” (PESAVENTO, 2007, p.21).

Desta maneira, a partir da análise das marcas de historicidades ou evidências do sensível (imagens, palavras, textos, sons, práticas, objetos) as sensações, os sentimentos e a imaginação têm um lugar especial para escrita histórica, que tenta compreender o que parece indizível, neste caso, as maneiras como os vivos imaginam seus mortos, seus lugares no além e trânsitos no mundo terreno, estando atrelados, dentre outras nuances, às questões de gênero.

Trilhas metodológicas

Para o desenvolvimento da pesquisa fazemos uso da história oral. Concordando com a definição apresentada por Alessandro Portelli (2016), ela é compreendida como uma narração dialógica que toma o passado como assunto e que é produzido a partir do encontro de um sujeito, identificado como narrador, e de outro, chamado de pesquisador. Tal encontro, geralmente é mediado por um gravador e um bloco de anotações ou caderno de campo (usado para os registros).

Nesse sentido, a especificidade maior da pesquisa desenvolvida mediante os usos da história oral está na produção do documento: a fonte oral. Ela é construída, é variável e parcial (PORTELLI, 2013). É no diálogo entre o pesquisador e o narrador que a fonte é produzida, considerando as inquietações de quem pergunta, as vontades de quem responde, os silêncios, os tempos e as demais implicações que ocorrem no diálogo e na troca de olhares entre dois e/ou mais sujeitos. Para Portelli (2016), essa é a grande riqueza da pesquisa. E, é na compreensão dessa interação que podemos perceber o significado e o funcionamento da memória do passado no presente, ao invés de tentar compreender o que de fato aconteceu. Por isso, procuramos produzir entrevistas de história oral sobre as sensibilidades de gênero nas narrativas sobre os mortos evidenciando os diálogos, grifando perguntas e respostas e, deixando visíveis as intervenções, a presença dos mediadores, as pausas, os silêncios, os risos, as lágrimas e as expressões dos narradores.

De acordo com Portelli, a história oral é definida, portanto, como uma *arte da escuta* baseada em um conjunto *de relações*, a saber: 1. Relação entre entrevistados e entrevistadores (diálogo); 2. A relação entre o tempo em que o diálogo acontece e o tempo histórico discutido na entrevista (memória); 3. A relação entre a esfera pública e a privada, entre autobiografia e história – entre, digamos, a História e as histórias; 4. A relação entre a oralidade da fonte e a escrita do historiador. (PORTELLI, 2016, p. 12).

De certo modo, essas relações serão, em grau maior ou menor, mencionadas e trabalhadas no desenvolvimento da pesquisa. Vale lembrar que, ao narrar sobre a presença dos mortos no mundo dos vivos na contemporaneidade, os narradores fazem referências às experiências vividas por eles próprios (com os mortos) e, de igual modo, mencionam saberes construídos a partir da escuta das tradições orais (SANTOS, 2017).

Aqui, cabe ressaltar que fonte oral e tradição oral são categoriais distintas. Como Portelli (2016) destaca, a tradição oral é composta por construtos verbais formalizados que são transmitidos. Já as fontes orais dos historiadores são narrativas individuais, dialógicas, informais, elaboradas no encontro entre o pesquisador e o narrador, como foram mencionadas anteriormente. “Naturalmente, essas narrativas podem incorporar materiais tradicionais, e os historiadores orais também podem recorrer às tradições orais. No entanto, é bom mantermos os dois conceitos distintos: nem tudo o que é oral é tradicional” (PORTELLI, 2016, p. 9).

Concepções semelhantes são apontadas por Jack Goody (2012), para quem a tradição oral é uma das “formas orais padronizadas”, e por Julie Cruikshank (2006), que a toma como um sistema coerente e dinâmico de construção e transmissão de conhecimentos. Por isso, nessa pesquisa

dialogaremos com esses três autores nas reflexões sobre memória e tradição oral concernentes às sensibilidades de gênero.

No desenvolvimento da pesquisa, procuramos entrevistar idosos católicos e seus familiares, residentes nos espaços urbanos e rurais do Cariri. Privilegiamos aqueles/as que integram e/ou integraram grupos de religiosos leigos, como penitentes e incelências, bem como de irmandades religiosas oficiais, como é o caso da Irmandade do Santíssimo Sacramento, entre outras. Com a mesma relevância, procuramos entrevistar pessoas que socialmente são apontadas como sujeitos que possuem algum tipo de proximidade e/ou estabelecem comunicações e intercessões com os mortos e com as forças do além, como é o caso de rezadeiras e outros praticantes das religiosidades do catolicismo não oficial.

É importante considerar que, na medida em que as fontes orais são singulares em virtude, sobremaneira, da sua produção e, conseqüentemente, contemporâneas do tempo estudado, elas trazem à baila uma profusão de narrativas tecidas a partir do vivido, aprendido e transmitido, suas redes de relações, incorporações e negociações com os artefatos da cultura. Na contemporaneidade, os saberes transmitidos nas memórias orais sofrem mediações das mais diversas e são postos em múltiplos suportes. Assim, as metamorfoses do oral no escrito e do escrito no oral, entre dimensões materiais e virtuais serão, de igual modo, relevantes para compreensão dos saberes socialmente compartilhados. Nesse sentido, refletir sobre a força do passado transmitido oralmente na atualidade requer o entrecruzamento das memórias orais com as equações da escrita multifacetada, elaborada, lida ou escutada por muitos narradores.

Por conta disso, além das fontes orais, fizemos uso de narrativas escritas. Como Portelli (2013, p. 31-32) reitera, muitos informantes leem livros e jornais, veem televisão e escutam o rádio, têm cartas, diários e outros recortes guardados. “Com efeito, a oralidade e a escrita não existem separadamente: se muitas fontes escritas estão baseadas na oralidade, a oralidade moderna está saturada de escrita”. Elas serão selecionadas a partir das referências pronunciadas pelos próprios entrevistados, durante a realização das entrevistas.

Conclusões

Ou apenas a abertura dos trabalhos

O que apresentamos acima diz respeito aos caminhos teóricos e metodológicos da pesquisa. Da mesma forma que os resultados, tais percursos são importantes, sobretudo quando entendemos que os caminhos que nos levam a construir algumas respostas são diferentes de outros trajetos.

No universo bastante amplo das narrativas orais sobre a morte e os mortos, muitas sensibilidades afloram e tremeram as vozes dos narradores. O material coletado está em análise. E tal qual o mistério se faz presente nos saberes e nas memórias sobre os mortos e seus trânsitos no além cristão, ele será o preâmbulo de outros escritos. Pois as narrações sobre a vida e a morte e suas interpretações a partir das sensibilidades, deixam dúvidas e incertezas. Esse é o tempo dessa escrita.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÈS, Philippe. *O homem diante da morte*. Tradução Luiza Ribeiro. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

_____. *História da morte no ocidente*. Tradução Priscila Viana de Siqueira. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

BORGES, Maria Elízia; SANTOS, Alcinéia Rodrigues dos; GOMES, Laryssa Tavares Silva (Orgs.). *Estudos cemiteriais no Brasil: catálogo de livros, teses, dissertações e artigos*. Goiânia: UFG; FAV; Ciar; FUNAPE, 2010.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução Renato Aguiar. 12 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

CONCEIÇÃO, Joalice Santos. *Duas metades, uma existência: produção de masculinidades e feminilidades na Irmandade da Boa Morte e no Culto de Babá Egun*. 2011. Tese (Doutorado em Ciências Sociais/Antropologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.

CRUIKSHANK, Julie. Tradição oral e história oral: revendo algumas questões. In: AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

GOODY, Jack. *O mito, o ritual e o oral*. Tradução Vera Joscelyne. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 14 ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

_____.; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (Orgs.). *Corpo, Gênero e sexualidade*. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

MARCÍLIO, Maria Luiza. A morte de nossos ancestrais. In: MARTINS, José de Souza (Org.). *A morte e os mortos na sociedade brasileira*. São Paulo: Editora HUCITEC, 1983.

MARTINS, José de Souza (Org.). *A morte e os mortos na sociedade brasileira*. São Paulo: Editora HUCITEC, 1983.

OXLE, Otto Gehard. A presença dos mortos. In: BRAET, Herman; VERBEKE, Werner (Orgs.). *A morte na idade média*. São Paulo: Ed. USP, 1996, p.28-78.

PORTELLI, Alessandro. *Ensaio de história oral*. Tradução Fernando Luiz e Ricardo Santhiago. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

_____. *A morte de Luigi Trastulli e outros ensaios: ética, memória e acontecimento na história oral*. Lisboa: Edições UNIPOP, 2013.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Sensibilidades: Escrita e leitura da alma. In: PESAVENTO, Sandra J.; LANGUE, Frédérique (Orgs.). *Sensibilidades na história: Memórias singulares e identidades sociais*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2007.

REIS, João José. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

_____. O cotidiano da morte no Brasil oitocentista. In: ALENCASTRO, Luiz Felipe (Org.). *História da vida privada no Brasil*. vol II. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 96-141.

RIEDL, Titus. *Últimas lembranças: retratos da morte no Cariri, região do Nordeste brasileiro*. São Paulo: Annablume; Fortaleza: SECULT, 2002.

SÁEZ, Oscar Calavia. *Fantasma falado: Mitos e mortos no campo religioso brasileiro*. Campinas, SP: UNICAMP, 1996.

SANTOS, Cícero Joaquim dos. *A mística do tempo: Narrativas sobre os mortos na região do Cariri/CE*. 2017. Tese (Doutorado em História Social) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017.

_____. *No entremeio dos mundos: tessituras da morte da Rufina na tradição oral*. 2009. Dissertação – (Mestrado em História e Culturas), Centro de Humanidades, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2009.

SCHMITT, Jean-Claude. *Os vivos e os mortos na sociedade medieval*. Tradução de Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

VAILATI, Luiz Lima. *A morte menina: infância e morte infantil no Brasil dos oitocentos* (Rio de Janeiro e São Paulo). São Paulo: Alameda, 2010.

VOVELLE, Michel. *As almas do purgatório: ou o trabalho de luto*. Tradução Aline Meyer e Roberto Cattani. São Paulo: Ed. UNESP, 2010.

VOVELLE, Michel. *Imagens e imaginário na História: fantasmas e certezas nas mentalidades desde a Idade Média até o século XX*. Tradução Maria J. Goldwasser. São Paulo: Ática, 1997.

_____. A história dos homens no espelho da morte. In: BRAET, Herman; VERBEKE, Werner (Orgs.). *A morte na idade média*. Tradução Heitor Megale et. al. São Paulo: Ed. USP, 1996.